

O SURREALISMO PRESENTE NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA LEITURA DE  
MACUNAÍMA, DE MÁRIO DE ANDRADE.

Marina Botura Mataram (IC-Fundação Araucária/LET UEL)  
Orientadora: Cláudia Rio Doce

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo realizar uma leitura da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, observando e ressaltando a relação dos valores presentes na obra com as características e valores do Surrealismo, como, por exemplo, a liberdade de uma criação mais plena, evidenciando, através da análise, a manifestação dessa vanguarda na Literatura Brasileira. Para tal estudo, será feito um levantamento dos conceitos e valores estéticos surrealistas para posteriormente identificar quais desses elementos estão presentes no romance e como eles se apresentam através da construção das personagens no sentido de contraste entre o pensamento lúdico selvagem do primitivo e o pensamento racional das personagens da cidade, representando uma crítica à sociedade moderna que adota um sistema racional e tecnológico, assim como a inventividade narrativa de Andrade. Tais aspectos da obra evidenciam pontos em comum com os interesses do Surrealismo, uma vez que a vanguarda também valorizava o universo primitivo e a inovação da escrita como uma ruptura com o tradicional.

Palavras-chave: Surrealismo, Literatura Brasileira, Macunaíma.

A rapsódia *Macunaíma*, publicada em 1928, de Mário de Andrade, é estudada em diversas esferas dos estudos literários, abordando, por exemplo: seu caráter cultural, político e social, a ideia de inovação, seu vínculo com a Antropofagia e o Modernismo, como representante de uma cultura puramente brasileira. Críticos brasileiros deram a devida atenção à obra, como, por exemplo, Antonio Candido (2000) no livro *Literatura e Sociedade*:

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura (CANDIDO, 2000, p.120).

A importância da obra para o autor se dá na perspectiva de desvincular o Brasil dos moldes europeus, valorizando ainda mais os princípios e características nacionais.

Como já mencionado, estudos e colocações como a de Candido (2000), sobre a obra aqui referida, tornaram-se foco de inúmeras pesquisas. Esse artigo, porém, traz a proposta de uma leitura mais atenta ao que se possa relacionar de *Macunaíma* com a vanguarda surrealista, ou seja, ressaltar na obra elementos que a aproximam do Surrealismo.

Em um aspecto amplo, *Macunaíma* absorve valores e ideais que movimentaram a vanguarda surrealista. Essa comparação torna-se mais clara se pensarmos na importância da obra para a Literatura Brasileira, no sentido de inovação na produção literária, como por exemplo: a nova linguagem utilizada pelo autor e o desafio lançado contra o sistema cultural vigente. Encontramos esses princípios nos objetivos dos surrealistas, que não queriam apenas quebrar a condição tradicional da poesia, mas visavam uma mudança na própria condição de vida. A quebra da lógica almejada pelos que participaram da vanguarda é vista, em *Macunaíma*, quando nos deparamos com outro ponto de vista: a visão do índio. É através dessa visão que podemos analisar a sociedade em si dentro de outra perspectiva, uma experiência que além de causar estranhamento acaba contrapondo duas concepções distintas de realidade: a do primitivo e a do homem tido como civilizado. Os mitos indígenas, a viagem de *Macunaíma* e o modo como o autor constrói esses pontos no texto, proporcionam uma fusão entre as culturas, que representa a própria diversidade cultural brasileira.

Tratando ainda em uma relação de características entre a obra e a vanguarda, podemos pensar na ideia de inversão de valores: Macunaíma, ao chegar a São Paulo, aplica a sua lógica (da sua cultura) na cidade, o que, conseqüentemente, causa o choque de imagens e de visão que o texto tem da modernidade. Essa inversão, em *Macunaíma*, acontece quando a percepção deixa de ser a “convencional”, dando voz e visão para o de fora, no caso, o índio. A busca e o interesse por outra cultura que não a nossa, pode ser compreendida logo com os surrealistas, como por exemplo, a necessidade de novos aspectos, inspiração e valores, que foram encontrados no Oriente, servindo de conteúdo para a revista *Revólution Surréaliste*. No livro *A história do Surrealismo* de Maurice Nadeau (1985), o autor tece a ideia da importância de se buscar novas inspirações. Sobre o tema, escreve:

O Oriente não é apenas a pátria dos Sábios, é também, para os surrealistas, o reservatório das forças selvagens, a pátria eterna dos “bárbaros”, dos grandes destruidores, inimigos da cultura, da arte, das pequenas manifestações ridículas dos ocidentais. (NADEAU, 1985, p.71).

Essa busca por algo distinto da cultura vigente fez com que a Europa voltasse os olhos para o Oriente, como acima mencionado, ou para a África, em outros casos. No Brasil, temos os interesses voltados para a nossa própria história, ou seja, a ideia de explorar e mostrar a cultura do primitivo, valorizando-o. Mário de Andrade não apenas valoriza as culturas primitivas do país, como também coloca em questão a visão daqueles que não vivem na sociedade “civilizada”, como acontece em *Macunaíma*.

A ideia de estranhamento e choque causados pelo encontro dessas duas culturas pode ser vista no capítulo IX de *Macunaíma*, intitulado de “Carta pras Icamíabas”, quando o herói relata algumas impressões sobre a cidade de São Paulo:

Cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas tomadas por estátuas e lâmpões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuindo com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população. Assim se obtém o efeito dum grande acúmulo de gentes, cuja estimativa pode ser aumentada á vontade, o que é propício ás eleições que são invenção dos inimitáveis mineiros; ao mesmo tempo que os edis dispõem de largo assunto com que ganhem dias honrados e a admiração de todos, com surtos de eloquência do mais puro estilo e sublimado lavor. (ANDRADE, 2004, p.77).

Nesse trecho da carta, temos as impressões que Macunaíma tem da cidade e como ele aplica sua lógica na mesma. Segundo Marilda de Vasconcellos Rebouças, em seu livro intitulado *Surrealismo* (1986) “(...) é o estranhamento que faz os olhos se abrirem para a

realidade absoluta.” (REBOUÇAS, 1986, p.23). Ou seja, o estranhamento acontece sob a ótica do primitivo e como ele compreende a sociedade, provocando assim, o choque entre culturas distintas.

Ao relacionar determinadas características do Surrealismo com a obra, podemos compreender que o texto de Mário não precisa assumir determinadas características marcadas da vanguarda, como a escrita automática, por exemplo. Pelo contrário, o que podemos perceber é que o trabalho e o cuidado do autor ao escolher uma lógica inversa (pensando no que era considerado tradicional) para sua história, apenas intensifica todo o caráter estético da obra. Ou seja, a combinação dos estudos antropológicos de Mário com a sua própria imaginação, que atribuiu projeções oníricas em *Macunaíma*, bem como o caráter atemporal e mítico, a mistura de vocabulários e a representação do folclore nacional torna possível a leitura da rapsódia dentro dos conceitos surrealistas.

Essa leitura se concretiza se pensarmos na transposição dos aspectos do Surrealismo e como ele acontece na obra: não podemos pensar em uma mesma leitura dos valores surrealistas e *Macunaíma*, por exemplo, mas podemos pensar no modo como *Macunaíma* representa o Surrealismo enquanto valores, princípios e estilos de escrita. Segue um trecho de Rebouças (1986) que exemplifica o que era almejado pelos surrealistas:

O Surrealismo deseja a liberdade do espírito humano; atingir o âmago do ser é lutar pela sua liberdade integral, em todas as frentes, em todas as horas. O que é o Surrealismo senão a realidade absoluta: fusão do real e do imaginário? (REBOUÇAS, 1986, p. 23).

Ao mencionar “fusão do real e do imaginário” podemos expandir a leitura para um dos pontos mais importantes no que se refere à relação de *Macunaíma* e aspectos surrealistas: a linguagem. O trato com a linguagem feito por Andrade (2004) traz uma nova perspectiva para a Literatura Brasileira. A inovação feita pelo autor foi alvo de inúmeras polêmicas, sendo criticada por autores como Tristão de Ataíde e João Ribeiro (2005) no que se refere ao experimentalismo do autor. Mas Candido (2008) apontou a manifestação livre como um meio eficaz e concreto para a representação de uma identidade cultural e, no caso, literária. No que se refere à linguagem, Nadeau (1985) traz a importância desta para os surrealistas:

Linguagem como instrumento poético: o surrealismo leva primeiramente a um subjetivismo total, surgindo a linguagem como uma propriedade essencialmente pessoal, a que cada um pode usar como bem entende. O mundo exterior é negado em proveito do mundo que o indivíduo encontra em si e que quer explorar sistematicamente: daí a importância dada ao inconsciente, e às suas manifestações, que se traduzem numa nova linguagem, liberada. Assumindo uma visão mais aguda de seu ser, o surrealista se opõe ao mundo e pretende dobrar este aos desejos. (NADEAU, 1985, p.166).

Pensar em linguagem para os surrealistas é pensar, de início, na escrita automática, mas ao transpormos esse conceito, colocado por Nadeau (1985), para a leitura de *Macunaíma*, podemos compreender a relação estreita entre os princípios de linguagem da vanguarda e a inovação feita por Mário de Andrade.

Sabemos que a vanguarda artística busca romper com os padrões não somente do passado como os do seu presente, criando, assim, novos meios de escrever ou de “fazer arte”, através de métodos inovadores, como aponta Nadeau (1985) sobre as características gerais do Surrealismo:

O freudismo, a relatividade, a gratuidade do pensamento e na expressão, a idolatria de Rimbaud, o gosto pelo suicídio, a vaticinação sem objetivo e sem razões, a própria escrita automática. Seu cerne: uma atitude de vida intransigente, baseada numa concepção do mundo e do homem que não é a da época, mas está muito à frente dela. (NADEAU, 1985, p. 111).

Essa nova visão não somente dos surrealistas como também das demais vanguardas, foi uma mudança que contribuiu para que novos tipos de produções começassem a ser valorizadas, considerando uma nova narrativa dentro da modernidade que vem para romper com padrões tradicionais, estéticos e literários.

A linguagem como uma “propriedade essencialmente pessoal” como apontou Nadeau (1985) é compreendida em *Macunaíma* como o ponto central de construção do texto, dos personagens e dos inúmeros efeitos causados pela obra. É através dela que conseguimos assimilar o choque causado pelo encontro das duas realidades: a do homem primitivo e a do homem dito civilizado.

A narrativa é inovadora, trazendo novos meios de estrutura e enredo de um texto; o autor faz da sua obra um instrumento capaz de representar a diversidade cultural juntamente com uma crítica sobre a própria linguagem utilizada no Brasil: na época de

publicação da obra nossa gramática ainda era pautada nas normas do português de Portugal, enquanto que a língua falada aqui era bem diferente. A crítica feita pelo autor torna-se evidente no capítulo IX “Carta pras Icamiabas”: nesse capítulo Macunaíma faz uso das normas cultas para produzir a carta, ironizando a forma utilizada na escrita (que se diferenciava da fala), ou seja, falavam de um jeito e escreviam de outro. O personagem, antes analfabeto, passa a ser agora um falso letrado, no intuito de mostrar superioridade perante as Icamiabas, como mostra esse trecho: “Às mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas” (ANDRADE, 2004, p. 71). Aqui temos o uso da linguagem culta até então desconhecida por Macunaíma, com a finalidade de conseguir dinheiro para sua estadia em São Paulo, passando uma imagem de ser superior, dominante das línguas.

O próprio Mário de Andrade, em uma carta escrita em 1927 para Manuel Bandeira, comenta sobre a intenção da carta dentro da obra:

(...) Quanto ao caso da Carta pras Icamiabas, tem ai um milhão de intenções. As intenções justificam a carta, porém não provam que ela seja boa, é lógico e reconheço. (...) Agora a ocasião era boa pra eu satirizar os cronistas nossos (...) e o estado atual de São Paulo, urbano, intelectual, político, sociológico. (ANDRADE, 1958, p. 177-78).

Além da carta, evidencia-se, no decorrer da obra, outros meios de registrar a diversidade das expressões de um país rico em culturas e regiões, como segue o exemplo:

Porém entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbom vogava e a moeda tradicional não era mais cacau, em vez, chamava arame contos contecos milréis borós tostão duzentorréis quinhentorréis, cinqüenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobras xenxés caraminguás selos bicos-de-coruja massuni bolada calcáreo gimbra siridó bicha e pataracos, assim, adonde até liga pra meia ninguém comprava nem por vinte mil cacaus. Macunaíma ficou muito contrariado (...). (ANDRADE, 2004, p. 41).

Nesse trecho, o uso de inúmeras palavras para designar uma mesma coisa, no caso o dinheiro, ou seja, o registro da diversidade acima citada é utilizada como um recurso estético pelo autor. Podemos compreender que o escritor faz uso dos recursos linguísticos, pois a partir desse uso, ele pode trabalhar com uma dinâmica na construção do seu texto, sem contar o caráter de identidade cultural da obra em si. A intenção do autor se dá através da linguagem e como ela acontece dentro dos espaços diversificados apresentados em *Macunaíma*.

O que nos interessa, nessas análises, é a relação dessa inovação na escrita com o conceito de linguagem para os surrealistas: o uso livre e inovador. Mário de Andrade representa um novo modelo de escrita na nossa literatura assim como representou Breton na época da vanguarda surrealista. A ideia de uma liberdade na criação de um texto literário, ou seja, a inovação feita por Mário carrega em si a importância de uma linguagem não convencional dos surrealistas. Pois, é a partir desse ponto de vista que surge o trabalho com diferentes realidades dentro da obra, e mais do que isso: é através dessa nova organização proposta por Mário de Andrade que podemos compreender a noção de imagem que a obra passa e como ela está vinculada com o conceito de imagem do Surrealismo.

A ótica cômica identificada na obra pode ser compreendida em dois pontos: a linguagem, aqui já retratada, e a imagem, que acontece através do uso da própria linguagem, bem como o deslocamento da lógica de Macunaíma da floresta para a cidade.

No *Manifesto do Surrealismo* de Breton, temos um trecho do autor Pierre Reverdy sobre a importância da imagem para os surrealistas:

A imagem é uma criação pura do espírito. Ela não pode nascer de uma comparação, mas da aproximação de duas realidades mais ou menos afastadas. Quanto mais as relações das duas realidades aproximadas forem longínquas e justas, mais a imagem será forte, mais força emotiva e realidade poética ela terá. (REVERDY, 2001, p. 35).

De acordo com esse conceito colocado por Reverdy (2001), podemos identificar em *Macunaíma* a fiel representação do que seria o conceito de imagem para os surrealistas: temos a aproximação de duas realidades mais ou menos afastadas, ou seja, temos Macunaíma, que nasceu no fundo do mato-virgem, isto é, em uma tribo amazônica e se deslocou para a cidade, São Paulo. Ao se deslocar, leva consigo sua lógica, moldada na cultura indígena, e tenta aplicá-la na cidade. Nessa tentativa de compreender como funcionavam as coisas na cidade através da sua visão de mundo, o texto constrói uma imagem (através de vários acontecimentos) que simboliza a estranheza e o choque do encontro dessas duas realidades. Podemos dizer que Andrade (2004) realiza um trabalho com a linguagem que ganha sentido dentro da obra através da imagem que Macunaíma constrói do mundo.

As relações das duas realidades distintas, priorizadas pelos surrealistas, é perceptível, principalmente nesse trecho, quando Macunaíma se sente incomodado por não

entender as coisas novas que ele encontra na cidade e, de certo modo, frustrado por não conseguir aplicar sua lógica dentro dos moldes da modernidade:

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá em baixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis. E aquele diacho de sagüi-açu que o carregara pro alto do tapiri tamanho em que dormira... Que mundo de bichos! Que despropósito de papões roncando, mauaris juruparis sacis e boitatás nos atalhos nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquinha branquíssima, de certo a filharada da mandioca!... A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra ele que sagüi-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncocos esturros não eram nada disso não, eram mais cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges mármoms e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as injás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorjetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina! O herói aprendendo calado. De vez em quando estremecia. Voltava a ficar imóvel escutando assuntando maquinando numa cisma assombrada. (ANDRADE, 2004, p. 42).

O conceito de linguagem vinculado com o de imagem, dos surrealistas, busca uma expressão de criação plena e pura da arte em si. Andrade (2004) faz um trabalho incrível misturando realidade e fantasia no encontro de duas culturas, realidades distintas. Os elementos que constituem a criação plena na visão dos surrealistas são perceptíveis na rapsódia brasileira em vias gerais e específicas.

O primitivismo também foi um ponto importante no trabalho do autor (não é elaborado um conceito na obra, mas podemos percebê-lo através dos costumes das personagens do Mato Virgem), pois por meio deste pode-se realizar uma desregionalização e inserir novos termos e expressões na literatura. Ao analisar o aspecto primitivo na obra, podemos perceber que este assume também alguns pontos que marcaram a vanguarda surrealista, uma vez que o Surrealismo de André Breton explorou não apenas o subconsciente, como também optou por uma busca do primitivo no homem através do mundo onírico.

Nadeau (1985) ressalta a característica voltada para o universo mágico, explorada e valorizada pelos artistas surrealistas nas suas diversas modalidades. Esse universo é compreendido em *Macunaíma* quando o autor deixa de trabalhar apenas com os mitos indígenas (pesquisados por ele mesmo), e passa a criar novos mitos, dando um caráter de ficção à obra, explorando o imaginário tão valorizado pelo Surrealismo. Mesmo que de maneira irônica, satirizando os costumes da sociedade corrente, o universo mágico não

correspondente à realidade e pode ser considerado um dos elementos que reforça o choque das duas culturas, pois traz outra visão de mundo, proporcionando novas experiências e modos de se compreender situações do cotidiano. A mistura de uma crítica implícita dentro desse universo relaciona-se com umas das características mais fortes do Surrealismo: a ideia de caminhar em uma via contrária da qual caminha a sociedade, buscando outros meios para se expressar, explorando mecanismos ainda não explorados. Breton no *Manifesto do Surrealismo* conceitua tal princípio:

Tal como o conceito, o surrealismo declara tão claramente nosso anticonformismo absoluto que não seria possível ocorrer a alguém citá-lo, no processo contra o mundo real, como testemunha de defesa. Pelo contrário, ele só serviria para justificar o estado de completa distração que almejamos alcançar neste mundo. (BRETON, 2001, p. 63).

Nadeau (1985) complementa a colocação de Breton (2001) citada acima, apontando para os valores gerais da vanguarda, no sentido de explorar coisas novas e protestar contra os moldes em que seguia a sociedade. Esses princípios são claramente compreendidos em *Macunaíma*, analisando seus valores gerais. Ou seja, a obra, bem como sua exploração do universo mágico dentro do primitivismo, se relaciona com os conceitos gerais adotados pelos surrealistas. De acordo com Nadeau (1985):

(...) São revoltados, que querem mudar não somente as condições tradicionais da poesia, mas também e principalmente as condições de vida. Não possuem doutrina, mas alguns valores que brandem com bandeiras: a onipotência do inconsciente e de suas manifestações: o sonho, a escrita automática e, portanto, a destruição da lógica e de tudo o que nela se apóia. (NADEAU, 1985, p. 63).

As impressões causadas pela obra, como já vimos, se dão na relação delicada entre o olhar do primitivo observando e vivenciando os costumes modernos da sociedade. Vale ressaltar, que o primitivismo não é ingênuo, pois ele procura aproveitar características estéticas do mesmo para a criação de uma obra inovadora, que combina diversos e distintos elementos, como por exemplo: culturas indígenas, africanas, europeias, bem como a representação de uma religião, como acontece no capítulo VII “Macumba”, quando não se opta pela religião oficial da sociedade, mas traz um ritual pouco conhecido (e proibido) na época, ao mesmo tempo em que mistura os conceitos religiosos do Cristianismo e da Macumba, como acontece nesse trecho, no capítulo mencionado (ANDRADE, 2004, p.64): “\_\_\_... O pai nosso do Exu de cada dia nos dai hoje, seja feita vossa vontade assim

também no terreiro da sanzala que pertence pro nosso padre Exu, por todo o sempre que assim seja, amém!...”.

Vários estudos feitos sobre *Macunaíma* partem dessa representação do primitivismo na obra, através de uma leitura nacionalista, sendo o livro um símbolo da cultura de miscigenação do nosso país. A exploração do mundo onírico e do misticismo, presentes em toda história, bem como o uso da linguagem feita por Mário de Andrade, nos permite identificar características surrealistas dentro do trabalho feito pelo autor.

Através dessa análise da obra, relacionado elementos da mesma com alguns aspectos da vanguarda surrealista, evidenciamos a presença do Surrealismo na Literatura Brasileira. *Macunaíma*, sendo a obra mais representativa do Movimento Antropofágico, traz o pensamento lúdico selvagem em contraste com o pensamento tido como racional, visando à liberdade de expressão e de novos meios de produção literária, representando também o Modernismo Brasileiro, que mantém interesses com o Surrealismo. A ideia de ruptura e a quebra de lógica presentes na obra é um ponto comum com o que foi a vanguarda europeia. Podemos então, considerar *Macunaíma* como uma das obras representantes do Surrealismo no Brasil.

Para realçar a análise de *Macunaíma* dentro dos moldes do Surrealismo, cabe a análise da obra feita pelo autor Gilberto Mendonça Teles (1991) no seu texto *O Surrealismo na Literatura Brasileira*:

(...) Entretanto, a técnica de *mistura*, da abolição de tempo e espaço dentro do grande espaço brasileiro e, sobretudo, as várias metamorfoses do herói, as suas mágicas, os seus estratagemas sublimes (já encontrados no *satiricon*) podem realmente ser vistos como do melhor surrealismo. (...) Tudo faz de *Macunaíma* uma obra em que o Surrealismo é inteligentemente incorporado ao conjunto de inovações das vanguardas do século XX. (TELES, 1991, p.9)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. **Macunaíma o herói sem nenhum caráter**. 33<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Villa Rica editoras reunidas LTDA, 2004. 175 p.

*BANDEIRA, Manuel. **Cartas a Manuel Bandeira**, edição organizada pelo destinatário. Rio de Janeiro, Simões, 1958. Onde a afirmação de Mário de Andrade está na carta datada de São Paulo, 7 de novembro de 1927 (p.177-78)*

BRETON, André. Manifesto do Surrealismo. In: \_\_\_\_\_ **Manifestos do Surrealismo**. 1<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001. p.15-64.

CANDIDO, Antônio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945: panorama para estrangeiros”. In: **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000. p. 109-138.

NADEAU, Maurice. **História do Surrealismo**. 1<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985. 175 p.

RAMOS, José de Paula. A fortuna crítica de Macunaíma. **REVISTA USP**, São Paulo, n.65, p. 125-130, março/maio 2005.

REBOUÇAS, Marilda de Vasconcellos. **Surrealismo**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1986. 95 p.

TELES, Gilberto Mendonça. O Surrealismo na Literatura Brasileira. **Revista Signótica UFG**, Goiás, v.3, n.1, p. 37-69, 1991.